



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Gama – FGA

Materialismo histórico dialético: as profissões e o futuro da inteligência artificial

Autor: Bruno Campos Ribeiro - 211039288

Orientador: Vanessa Maria de Castro

Brasília, DF

2023



Bruno Campos Ribeiro - 211039288

Materialismo histórico dialético: as profissões e o futuro da inteligência artificial

Ensaio Individual submetida à disciplina de Humanidades e Cidadania da Universidade de Brasília.

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Gama – FGA

Orientador: Vanessa Maria de Castro

Brasília, DF

2023

Resumo: Este texto discute o futuro do mercado de trabalho diante do avanço da tecnologia e da inteligência artificial. Através de uma perspectiva materialista marxista, o texto propõe uma reflexão e análise sobre as possíveis aspirações e contradições que podem surgir nesse contexto, tanto no Brasil quanto no mundo.

O materialismo histórico dialético, abordagem teórica central no Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, é utilizado como ferramenta analítica para compreender a dinâmica da sociedade e sua transformação ao longo da história. Segundo essa abordagem, as relações sociais são determinadas pelas condições materiais de produção presentes em uma determinada sociedade, o que implica reconhecer que as estruturas econômicas e políticas são moldadas pelos modos de produção predominantes.

Marx e Engels argumentam no Manifesto Comunista que o capitalismo é uma forma de organização social baseada na exploração e alienação do proletariado. A luta de classes, a concentração de riqueza nas mãos da burguesia e a exploração da força de trabalho são contradições fundamentais que levam à necessidade de uma revolução proletária. A acumulação de riqueza nas mãos da burguesia é possível devido à mais-valia, que é a diferença entre o valor produzido pelo trabalho de um proletário e o valor que ele recebe como salário. Tendo isso em vista, são definições cruciais para a abordagem da temática da substituição da mão de obra humana pela artificial.

A evolução da inteligência artificial (IA) tem sido um dos avanços mais significativos e promissores no campo da tecnologia nas últimas décadas. A inteligência artificial refere-se à capacidade de máquinas e sistemas computacionais imitarem a inteligência humana, aprendendo, raciocinando, reconhecendo padrões e tomando decisões de forma autônoma.

Com os avanços recentes da inteligência artificial, percebe-se que o trabalho a ser substituído não é mais o trabalho físico, mas sim o trabalho intelectual. Essas tecnologias têm a capacidade de realizar tarefas de alto nível de qualificação técnica. No entanto, a preocupação com a qualidade dessas realizações muitas vezes não é relevante para os capitalistas. O objetivo principal é reduzir os custos com mão de obra, aumentando a extração de mais-valia.

Nesse contexto, a evolução da inteligência artificial não necessariamente diminuirá o trabalho da classe trabalhadora ou reduzirá a desigualdade social. Pelo contrário, pode ser usada como uma ferramenta para manter o status quo, com a classe proletária sendo removida de suas posições qualificadas e destinada a trabalhos braçais novamente. Isso pode levar a uma grande ruptura na estrutura de classes sociais, resultando em uma sociedade dividida entre os incrivelmente ricos e os abismalmente pobres.

A desigualdade social e de gênero no mercado de trabalho são fenômenos complexos com consequências significativas. A desigualdade social envolve disparidades socioeconômicas entre grupos, resultantes de estruturas e sistemas de poder que concentram recursos nas mãos de poucos. A desigualdade de gênero, em particular para as mulheres negras, persiste mesmo

com avanços feministas. A educação é uma forma importante de ascensão social, mas o avanço da inteligência artificial no mercado de trabalho pode reverter esses avanços e perpetuar a exclusão. O capitalismo, baseado na propriedade privada e na busca pelo lucro, gera e reproduz desigualdades sociais. A necropolítica, vinculada ao capitalismo, controla quem vive e quem morre, promovendo marginalização e desumanização. O futuro da inteligência artificial na substituição da mão de obra humana pode agravar a desigualdade social e econômica, mantendo a segregação e a necropolítica na sociedade capitalista.

Palavras-chave: Materialismo. Dialética. Inteligência. Artificial. Empregos.

1. INTRODUÇÃO

Há muito vem-se discutindo sobre o futuro das profissões, e a não maior necessidade do homem no mercado de trabalho com o avanço da tecnologia. Assim, como esperado, desde de janeiro de 2023 esta pauta vem crescendo no debate público, devido às recentes notícias e relatos acerca dos avanços da inteligência artificial.

O presente ensaio visa como uma forma de reflexão e análise, por meio de uma perspectiva materialista marxista, apresentar quais as possíveis aspirações e contradições podemos esperar para o futuro do mercado de trabalho e como estes avanços e mudanças podem afetar as relações socioeconômicas não só no Brasil mas também no mundo. Pois, muito se tem dito sobre nos últimos anos, porém sempre com muito pouco embasamento teórico. Assim, por meio de uma abordagem metodológica de revisão de literatura, este ensaio se propõe a tentar responder algumas dessas questões do cerne de nossa atualidade.

O materialismo histórico dialético é uma abordagem teórica central no Manifesto Comunista, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels em 1848. Desenvolvido por Marx e Engels, o materialismo histórico dialético constitui uma ferramenta analítica e interpretativa que busca compreender a dinâmica da sociedade e a transformação histórica.

O materialismo histórico dialético parte do pressuposto de que as relações sociais são determinadas pelas condições materiais de produção nas quais os indivíduos de um determinado tempo e espaço histórico existentes em uma determinada sociedade estejam inseridos. Isso implica reconhecer que as formas de organização social, como as estruturas econômicas e políticas, são moldadas pelos modos de produção predominantes em uma determinada época. Por conseguinte, a sociedade é entendida como um sistema complexo em constante desenvolvimento e transformação.

A dialética, no que lhe concerne, é uma abordagem filosófica que avulta a contradição, a mudança e a interação como motores vitais da transformação social. No contexto do materialismo histórico, a dialética é um ferramenta para analisar as contradições inerentes às relações sociais de uma sociedade capitalista. Essas contradições, como a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, são miradas como forças para impulsos de mudança social.

Em sua obra *Introdução à contribuição para a crítica da Economia Política*, Marx, de forma mais elaborada, expõe seu método apontando que, tendo em vista a economia política, "Parece mais correto começar pelo que há de mais concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população que é a base e sujeito de todo ato social da produção"(MARX, 2018). Contudo, do ponto de vista do autor, desse modo estaríamos ignorando elementos como o trabalho e o capital, os quais fundamentam a população. Segundo Marx e Engels, a história da humanidade é fundamentada por uma série de lutas e conflitos entre diferentes classes sociais. A evolução da história é entendida como uma sucessão de modos de produção, cada um com suas próprias contradições e potencialidades. Com isso, o materialismo histórico dialético

busca analisar as contradições presentes em uma dada sociedade, compreendendo como essas contradições podem levar a transformações sociais radicais.

2. A INTELIGENCIA ARTIFICIAL NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

A inteligência artificial (IA) tem passado por avanços notáveis e promissores no campo da tecnologia nas últimas décadas. Ela diz respeito à habilidade das máquinas e sistemas computacionais de imitar a inteligência humana, adquirindo conhecimento, raciocinando, identificando padrões e tomando decisões de maneira independente.

Foi em 30 de novembro de 2022 que a empresa OpenAI lançou seu mais novo, e provavelmente mais famoso, serviço, o ChatGPT (Generative Pre-trained Transformer) é um sistema de inteligência artificial desenvolvido pela OpenAI, o qual a partir de um comando de texto é capaz de responder e produzir praticamente qualquer tipo de resposta imaginável. Desde então, o mundo mudou, as conversas não são mais as mesmas, o ChatGPT foi um marco na história não só da tecnologia mas da sociedade como um todo. Atualmente, no mês e ano que este ensaio está há ser escrito, o maior tópico de discussão em todas as esferas da sociedade é a evolução da inteligência artificial, esse tema vem aparecendo desde vídeos e blogs na internet até reportagens jornalísticas e artigos acadêmicos. Assim, não é de se surpreender que chega-se também ao debate público, a superação e não maior necessidade do ser humano no processo produtivo e no mercado de trabalho.

A superação da mão de obra humana no processo produtivo não é um assunto de todo novo, na verdade essas ideias vêm se propagando, com muita força, desde as primeiras revoluções industriais na Inglaterra, a diferença é que hoje o trabalho a ser substituído não é mais apenas o trabalho árduo e braçal das fábricas inglesas, mas o trabalho humano intelectualizado. Consoante a isso, é necessário avaliar e analisar quais os reais impactos que essas substituições podem causar na sociedade capitalista como um todo.

A sociedade contemporânea, descrita por Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, como sociedade do cansaço (HAN, 2015), vem sendo corriqueiramente bombardeada por ideologias neoliberais, as quais provocam o ser humano a fadigar-se em uma constante busca de sucesso, por meio de um alto desempenho, enquanto, afoga-se no *modus operandi* de produção capitalista burguês. Han argumenta que, diferentemente da sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault, onde o poder era exercido por meio da repressão e vigilância, a sociedade atual opera por meio de um incentivo constante à produtividade e eficiência. Nesse contexto, os indivíduos são impulsionados a se tornarem empreendedores de si mesmos, buscando incessantemente o sucesso e a autorrealização.

A partir de uma busca incessante pelo sucesso, essa sociedade, em uma busca ilusória de indivíduos empreendedores de si mesmos, vem se afastando do real significado social do trabalho, transformando-o em uma incessante corrida na esteira do capitalismo. No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (MARX; ENGELS, 2010) argumentam que o capitalismo é uma forma de organização social caracterizada pela exploração e alienação do proletariado. Através da análise materialista dialética, eles sustentam que o capitalismo contém em si as sementes de sua própria destruição. A luta de classes, a crescente concentração de riqueza nas mãos da

burguesia e a exploração da força de trabalho são contradições fundamentais que levam à necessidade de uma revolução proletária.

O acúmulo e concentração de riquezas nas mãos da burguesia vem-se - no contexto marxista, pela mais-valia -, desse modo, refere-se à diferença entre o valor produzido pelo trabalho de um proletário e o valor que ele recebe como salário. Marx argumenta que, incerne ao capitalismo, os trabalhadores produzem valor excedente para além do valor que é pago a eles, e esse valor é apropriado pelos proprietários dos meios de produção, os capitalistas. Essa exploração é considerada uma fonte central da acumulação de capital e da desigualdade na sociedade capitalista.

Com os recentes avanços relacionados à inteligência artificial, é notável que o trabalho a ser substituído não é mais o trabalho pesado e degradante ao homem mas sim o trabalho intelectual, hoje não é mais um diploma que garantirá seu emprego, pois no caminho que seguimos essas tecnologias galgam transpor a mão de obra humana qualificada. Assim, nota-se crescentes discussões sobre a qualidade dessas inteligências ao redigir textos, produzir desenhos ou outras obras de arte, codificar programas, fazer cálculos entre outras tarefas, de alto nível de qualificação técnica. Porém, tais discussões, muitas vezes, são em vão, haja vista que o que importa nesse processo não é necessariamente chegar a perfeição destas tarefas, e sim, chegar a um ponto o qual a redução de custos ao capitalista para com seus empregados seja benéfica o suficiente, de modo que a extração de mais-valia seja a máxima possível.

Quando pensamos no avanço tecnológico de inteligências artificiais, na sociedade do cansaço de Han como uma forma de atenuar a desigualdade social, percebe-se não a diminuição do trabalho da classe trabalhadora mas sim seu uso como uma ferramenta para a manutenção do status quo. Logo, tendo em vista que o trabalho a ser superado é o trabalho qualificado, não será a classe proletária que terá uma melhoria em sua qualidade de vida, com menos horas de trabalho, mais tempo de lazer e menos esforço físico, muito pelo contrário. Nesse âmbito, haverá uma incrível disruptura na forma como entendemos as classes sociais hoje, com a superação da mão de obra humana qualificada, teremos essa parcela da sociedade sendo removida de seus postos e designadas ao trabalho braçal novamente, voltaremos a um mundo o qual ou se é incrivelmente rico ou abismalmente pobre.

3. A SUPERAÇÃO DO TRABALHO COMO MANUTENÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL

A desigualdade social e a desigualdade de gênero no mercado de trabalho são fenômenos complexos que demandam análises aprofundadas. Essas formas de desigualdade têm consequências significativas para os indivíduos, as organizações e a sociedade em geral. A desigualdade social refere-se às disparidades socioeconômicas existentes entre grupos distintos, manifestadas em termos de acesso a oportunidades de emprego, remuneração, benefícios, progressão na carreira e segurança no trabalho. Essa desigualdade é frequentemente resultado de estruturas socioeconômicas e sistemas de poder que perpetuam a concentração de recursos e riqueza nas mãos de poucos, deixando outros grupos em desvantagem.

A filósofa, escritora e ativista do movimento social negro brasileiro Aparecida Sueli Carneiro destaca em seu artigo *Mulheres em movimento* (CARNEIRO, 2003) a significativa disparidade entre negros e brancos no que se refere às posições ocupacionais no país. O movimento de mulheres negras ressaltava essa desigualdade, que se torna ainda mais acentuada quando consideramos a interseção de gênero e raça. Apesar dos avanços alcançados pela luta feminista no mercado de trabalho, essas conquistas não foram capazes de eliminar as desigualdades raciais que impedem um maior progresso para as mulheres negras nesse contexto. Dessa forma, as abordagens universalistas da luta das mulheres não apenas revelam sua fragilidade, mas também a impossibilidade de as reivindicações decorrentes dessas abordagens se tornarem viáveis para enfrentar as especificidades do racismo brasileiro.

Com isso, hoje é notório que uma das principais formas de ascensão e inclusão social, não só mulheres negras, como relatado por Sueli Carneiro, mas de todos os distintos grupos que são cotidianamente suprimidos socioeconomicamente, é o galgar educacional, conseguir sua mudança de vida e prestígio social a partir da educação e especialização técnica de trabalho. A educação desempenha um papel crucial na capacitação das pessoas, fornecendo conhecimentos, habilidades e competências necessárias para o sucesso em diversas esferas da vida, como o mercado de trabalho e a participação cidadã.

No entanto, quando vislumbramos o crescente domínio das inteligências artificiais no mercado de trabalho, em suma de nível superior, para uma maior retenção de mais-valia pelo capitalista burguês, tendo em vista que esse tem como foco principal a manutenção do modelo de exploração capitalista, faz-se necessário uma reflexão sobre como todos os grupo minoritários que vêm galgando sua crescente socioeconômica, por meio do trabalho especializado, serão postos novamente no seu primeiro ponto de partida, a desigualdade e exclusão social.

Assim, tendo em vista que o capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e na busca pelo lucro. Ele se caracteriza pelo mercado e por um falso senso de liberdade de concorrência, onde os bens e serviços são trocados com base na oferta e demanda. No entanto, é intrínseco ao capitalismo a geração e reprodução da desigualdade social. Marx, em *O Capital* (MARX, 2016), argumenta que a propriedade privada

dos meios de produção no capitalismo é a base fundamental da desigualdade. A classe capitalista, que detém a propriedade dos recursos produtivos, como fábricas e terras, tem o controle sobre a produção e a distribuição da riqueza. Enquanto isso, a classe trabalhadora, que não possui propriedades e precisa vender sua força de trabalho para sobreviver, fica em desvantagem econômica e social.

Com esse vies, podemos também mencionar Achille Mbembe, filósofo, teórico político e historiador camaronês, no qual em seu livro *Necropolitics* (MBEMBE, 2006) argumenta que a necropolítica é uma forma de poder que busca controlar e determinar quem pode viver e quem deve morrer. Ele analisa as estratégias utilizadas pelos Estados e outras entidades políticas para exercer controle sobre a vida e a morte das populações, incluindo o uso da violência, da opressão e do genocídio. Mbembe também argumenta que a necropolítica está intrinsecamente ligada ao sistema capitalista, pois a busca por lucro e acumulação de riqueza muitas vezes implica na exploração e desvalorização da vida humana. Ele explora as formas como o capitalismo promove desigualdades sociais e econômicas, bem como a marginalização e o tratamento desumanizador de certos grupos sociais.

Com o exposto, quando pensamos no futuro da inteligência artificial na superação da mão de obra humana, estamos pensando também na manutenção da desigualdade social e econômica, onde os grandes capitalistas estarão substituindo sua custosa mão de obra qualificada por uma mão de obra inteligente e sem custos salariais. Com isso, teremos mais uma vez uma segregação na sociedade levando a manutenção da necropolítica vigente ao mundo capitalista em que estamos ancorados.

4. CONCLUSÃO

Em 1881, Joaquim Maria Machado de Assis, popularmente conhecido como Machado de Assis, lança sua obra prima *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1998), a qual Machado termina com a seguinte frase: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.". Em seu livro, essa frase captura a perspectiva do personagem Brás Cubas, que narra sua vida após a morte. Brás Cubas sugere que a vida é marcada por decepções, sofrimento e desilusões, e ele se considera isento de responsabilidades e culpas por não ter trazido mais seres ao mundo para enfrentar essas dificuldades. Essa frase pode ser interpretada como uma crítica à condição humana, destacando a fugacidade da existência e a inevitabilidade do sofrimento. Ela também revela a visão irônica de Machado de Assis em relação à vida e à sociedade, questionando valores e expectativas tradicionais.

Diante do exposto, quando falamos do mundo real, a vida que presentemos a cada dia nesse planeta, não podemos ter uma visão pessimista tampouco desilusória como de Brás Cubas. Faz-se fulcral, pois assim é civilizatório, que lutemos por nossos direitos, e sobretudo lutemos pela ruptura das desigualdades sociais as quais o capitalismo nos impõe. Pois assim, legar-se-á às futuras gerações não a nossa miséria, mas a luta de nossas histórias, aquilo que nos marcam como humanos, o reconhecimento do outro também como humano.

Referências

- ASSIS, M. D. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. [S.l.]: Ateliê Editorial, 1998. v. 5. Citado na página [10](#).
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, SciELO Brasil, v. 17, p. 117–133, 2003. Citado na página [8](#).
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. [S.l.]: Editora Vozes Limitada, 2015. Citado na página [6](#).
- MARX, K. *O capital-Livro 1-Vol. 1 e 2: O processo de produção do capital*. [S.l.]: Editora José Olympio, 2016. Citado na página [8](#).
- MARX, K. Introdução à contribuição para a crítica da economia política. 1859. *Contribuição à crítica da economia política*, p. 235–270, 2018. Citado na página [4](#).
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. [S.l.]: Boitempo Editorial, 2010. Citado na página [6](#).
- MBEMBE, A. Necropolitics. *Raisons politiques*, Presses de Sciences Po, v. 21, n. 1, p. 29–60, 2006. Citado na página [9](#).